FUTEBOL NO FEMININO: UMA NOVA GERAÇÃO DE CAMPEÃS

No concelho de Vila Pouca de Aguiar, jogar futebol não é uma tarefa exclusiva do sexo masculino. Há quatro "pequenas" jogadoras que não olham a diferenças quando o assunto é calçar as chuteiras e disputar, taco a taco, o esférico com os rapazes. Estas atletas de tenra idade são presença assídua em seleções distritais e estão a incentivar uma nova geração de campeãs.

Por: *Daniela Parente*

Na última década, foi expressivo o crescimento do número de praticantes do sexo feminino no futebol. Tanto que, em 2015, a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) decidiu alargar ao escalão de juvenis a possibilidade de as raparigas integrarem equipas mistas, de futebol e futsal, que já ocorria nos escalões mais jovens (benjamins, infantis e iniciados). De uma forma paulatina, também em Vila Pouca de Aguiar, um concelho do interior transmontano inserido em contexto essencialmente rural, o futebol no feminino vai dando passos cada vez maiores.

São 18 horas e as portas do Complexo Desportivo Municipal abrem-se para entrar as mais recentes "estrelas da companhia". Elas equipam-se de um lado e eles do outro. Mas a separação por género, nos balneários, contrasta com igualdade de oportunidade dentro das quatro linhas.

Carolina Sá tem 15 anos e bate-se, de igual para igual, com qualquer adversário, num jogo de futebol. Desde pequena que gosta de jogar, seja contra raparigas, seja contra rapazes. "O importante é competir!". A médio-centro dos iniciados do Sabroso Sport Clube, emblema do concelho aguiarense, é a única rapariga da equipa. Não obstante, o clima é de respeito e de integração na hora de bater o esférico. "Às vezes é mais difícil ir atrás da bola, confesso. Mas, mesmo assim, não perco a motivação. Os rapazes são sempre muito solidários. Sei que, no geral, eles têm todos muito respeito por mim", contou a jogadora.

A "Carol", como é carinhosamente conhecida no núcleo da equipa, já foi convocada para a seleção distrital de futebol feminino, da Associação de Futebol de Vila Real (AFVR). "Não podia estar mais feliz. Sinto-me muito bem a jogar na seleção", salientou.

Já na equipa congénere, nos Infantis do Sport Clube de Vila Pouca de Aguiar, encontramos Eva, Júlia e Teresa, três jogadoras que triunfam em campo, lado a lado com os rapazes, sem medo de serem olhadas "de lado" ou colocadas de parte. Igualdade é a palavra de ordem.

Eva Carreira, de apenas 11 anos, tem os objetivos bem definidos. Desde os 6 anos de idade que ter a bola nos pés faz parte do dia-a-dia desta defesa central. "Quando era mais pequena costumava ver o meu irmão jogar. Adorava vê-lo em campo e, depois, decidi começar a jogar com ele e com o meu pai em casa. Agora, na equipa, sou titular e às vezes até dizem que jogo melhor do que alguns rapazes", evidenciou a promessa do futebol jovem.

Esta é uma paixão que também se apoderou, desde muito cedo, de Júlia Oliveira, que, aos 12 anos, viu o seu sonho tornar-se realidade. A defesa central, que carrega o emblema do SC Vila Pouca de Aguiar ao peito, conta que, desde tenra idade, o futebol é parte da sua vida. Não é por acaso que a águia é o símbolo maior desta equipa de formação do interior transmontano. "Comecei a jogar cedo e acho que nunca mais quero parar. Sei que, em Vila Pouca de Aguiar, é difícil competir apenas contra raparigas, mas não sinto diferença absolutamente nenhuma em campo. Jogar com rapazes até nos dá mais entusiasmo", referiu.

Teresa Fidalgo, com 12 anos, confessa que começou a jogar há menos tempo. A avançada daquela equipa mista não esconde que o "bichinho" do futebol está a crescer dentro dela, à semelhança das colegas. Uma motivação que espoletou com a ajuda do irmão. "Como via o meu irmão a jogar, achei que eu também era capaz, então vim para a equipa. Tenho adorado a experiência de jogar", sublinhou.

Apesar de partilharem o relvado com os rapazes, no geral, o respeito e a entreajuda prevalecem entre todos. As diferenças são "fintadas" ao ritmo dos dribles, dentro de campo. Ali, ser rapariga não é uma desvantagem. Todos são tratados por igual. "Sentimos que somos todos jogadores da mesma equipa. Não há rapazes ou raparigas, há atletas. A convocatória do treinador não olha ao género, mas sim ao mérito e à dedicação que demonstramos nos treinos", sublinharam.

Um futuro dentro das quatro linhas

Tal como a Carolina, também Eva e Júlia já representaram a seleção distrital da AFVR, no escalão de sub-14. "Já fomos jogar ao Estádio Nacional, no Jamor, contra várias equipas. Foi uma experiência única", contou Eva Carreira.

Longe vão os tempos em que os campos de futebol eram exclusivamente ocupados por homens, dentro e fora do relvado. Felizmente, hoje a moldura humana é mais homogénea. A presença do sexo feminino é, cada vez mais, normalizada.

Quanto ao futuro? A resposta é unânime. As quatro "pequenas" jogadoras não querem abandonar o relvado e sonham mesmo com uma carreira profissional. Para elas, a criação de uma equipa de futebol, somente feminina, no concelho, era um sonho.

A experiência nas seleções distritais tem também motivado as atletas a continuar a apostar na modalidade. O futebol continua a ser a preferência. "Eu já joguei futsal, mas prefiro futebol. Sinto-me mais livre e com mais espaço. Gostava de jogar numa equipa só de raparigas, aqui no concelho, para não ter de sair para outro emblema", contou Carolina Sá.

Apesar do número de clubes com equipas femininas ter aumentado significativamente, sobretudo no futebol jovem, em que se encontra mais de metade do universo das praticantes federadas, urge alimentar esta geração de campeãs no concelho de Vila Pouca de Aguiar.

Carolina Sá

Eva Carreira

Júlia Oliveira

Teresa Fidalgo